

A Construção da Identidade de Coro Margareth Picler: relato sobre a formação de uma comunidade de prática musical híbrida

Comunicação

Jeimely Heep Bornholdt

Centro Universitário Internacional UNINTER

Jeimely.b@uninter.com

Alysson Siqueira

Centro Universitário Internacional UNINTER

Alysson.s@uninter.com

Resumo: A pesquisa que aqui se apresenta tem como tema a implantação de uma prática coral híbrida, ou seja, parte presencial e outra remota, no contexto da extensão universitária. O objetivo principal é documentar e examinar essas práticas. Decorrem dele os intuítos de registrar a integração do coro remoto com o coro presencial, analisar o estabelecimento de uma comunidade de prática musical híbrida, além de descrever as contribuições das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Com natureza exploratória e abordagem qualitativa, a coleta de dados tem como base a pesquisa bibliográfica, destacando-se o conceito de comunidade de práticas, de Etienne Wenger, e o de identidade, segundo Bárbara Rogoff. Além disso, utiliza-se o método de estudo de caso. Como resultados serão apontadas evidências da formação da comunidade de prática musical híbrida, uma análise das ferramentas tecnológicas utilizadas no processo e a reflexão acerca da relevância dos projetos de extensão universitária.

Palavras-chave: comunidade de práticas; identidade; canto coral.

Introdução

As práticas de música coral são amplamente difundidas em escala global, estabelecendo uma sinergia entre experiências de lazer, de socialização e aprendizado musical e cultural. Os grupos corais englobam participantes de diversas faixas etárias, origens e níveis de habilidade musical, constituindo um ambiente inclusivo e colaborativo propício ao ensino da música. Por meio do canto conjunto, os envolvidos têm a oportunidade de aprimorar suas técnicas vocais, aprofundar sua sensibilidade musical, sobretudo no aspecto da percepção harmônica.

Para além dos aspectos musicais, o canto coral desempenha um papel fundamental no processo de aprendizado cultural e no fortalecimento da identidade coletiva. Por meio da interpretação conjunta de composições musicais de estilos e tradições diversas, os coralistas têm a oportunidade de explorar a riqueza da diversidade cultural e experimentar múltiplas perspectivas musicais.

Por todas essas razões, institui-se o coro objeto desse trabalho em uma Instituição de Ensino Superior (IES) e vinculado ao curso de Licenciatura em Música na modalidade EaD. Essa informação é relevante pois, devido à abrangência territorial do curso, e da IES, coralistas de diversas partes do país passaram a integrar o coro, gerando assim a necessidade de atuação híbrida, ou seja, com parte dos integrantes participando dos ensaios de maneira presencial e outra parte de maneira remota – razão pela qual se considera a prática como híbrida. Tal configuração, demanda uma série de estratégias para integrar os cantores, que envolvem desde o uso de TICs até ações de cunho mais motivacional.

Como essas estratégias têm logrado êxito ao longo da implantação do coro, é relevante que se registre em um relato de experiência para que regentes, professores de música e coralistas possam replicar e continuar aperfeiçoando as práticas aqui relatadas.

O referencial teórico irá auxiliar a responder a seguinte questão de pesquisa: como ocorre a construção da identidade de uma comunidade de prática musical híbrida, analisando um caso concreto?

O objetivo geral deste estudo é documentar e examinar, com base científica, o desenvolvimento de uma prática coral que ocorre de forma híbrida, envolvendo elementos presenciais e remotos. Com base nesse propósito central, são delineados os seguintes objetivos específicos: registrar abordagens bem-sucedidas na integração do coro remoto com o coro presencial; analisar a consolidação de uma comunidade de prática no contexto presencial, outra no contexto remoto e, ainda, uma terceira comunidade de prática híbrida; e descrever as contribuições que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm fornecido para as práticas corais.

Essa pesquisa possui natureza exploratória, buscando aprofundar o conhecimento sobre um fenômeno específico, e adota uma abordagem qualitativa, com o intuito de promover reflexões embasadas em um referencial teórico obtido por meio de pesquisa



bibliográfica. Para balizar as análises, dois conceitos básicos serão utilizados: o de comunidade de práticas, estabelecido por Etienne Wenger, e o de identidade, conforme a concepção de Bárbara Rogoff. Além da revisão bibliográfica, a pesquisa também emprega o método de estudo de caso, registrando todas as atividades do coro em vídeo para análises posteriores.

Para dar conta dos objetivos, o trabalho se estrutura em duas sessões. A primeira delas traz os pressupostos teóricos, subdivididos em dois temas: A construção da identidade em práticas musicais, e “O estabelecimento de uma comunidade de prática musical híbrida”. A segunda sessão será dedicada ao estudo de caso concreto e será subdividida dois temas: “As comunidades dentro da comunidade de prática coral”; “O aporte tecnológico na solução dos problemas”. Em seguida, virá as considerações finais, na qual se espera identificar os principais pontos de contribuição desse trabalho à comunidade científica e apontar possíveis desdobramentos da pesquisa aqui apresentada.

A identidade e as comunidades de práticas musicais

Mathias (1986) relata que o canto coral pode ser um agente de transformação na sociedade, da mesma forma, Fucci Amato (2005, 2007a, 2007b, 2007c) tem se preocupado em seus estudos sobre canto coral com diversas questões que envolvem a atividade socioeducacional. Seu olhar tem se voltado para o contexto sociocultural em que os coros estão inseridos, com a formação e prática pedagógico musical dos regentes, com a motivação para se cantar no coro e com o processo ensino/aprendizagem. Assim, “o papel que o regente tem na condução de seu grupo musical envolve capacidade de liderar o grupo e motivar cada um de seus componentes, levando-os a uma vivência musical proveitosa do ponto de vista pessoal e comunitário” (FUCCI AMATO; AMATO NETO, 2007, p. 5). Dessa forma, o regente cria sua identidade de acordo com o grupo que aceita reger: infantil (GOIS, 2015; GAMORIM-MOREIRA 2015), infanto-juvenil (FRANCHINE, 2014), adulto ou de idosos (FIGURÊDO, 2009; BORNHOLDT, 2019). Ou ainda se é um coro religioso, de empresa (TEIXEIRA, 2005), de escola, clube entre outros.

O canto coral abrange outras áreas além da música, como se nota no levantamento das dissertações e teses (ver página 33), as quais mostram vários estudos em diversas áreas,

revelando a importância das habilidades musicais, habilidades emocionais, relação humana, conhecimento de si e construção da identidade.

A construção da identidade em práticas musicais

A construção da identidade se dá pela vida. Rogoff (2005) subdivide a identidade em pessoal, social e cultural. Ao “identificar as conexões das pessoas com as comunidades, existe a tendência muito difundida de se utilizar uma única categoria, geralmente étnica ou racial” (Ibid. p. 71), o que segundo a autora pode trazer questionamentos, como: Criamos nossa identidade com um único critério sendo este a raça? Ou etnia? A autora mostra que já existem várias pesquisas as quais levantam questões relacionadas com a etnicidade que vão além da questão étnica, como por exemplo: identidade etária, identidade nacional, identidade cultural, identidade profissional, identidade da docência, identidade musical, identidade do coro.

O canto coral segundo Rogoff (2005) se constitui uma comunidade cultural definida como “grupos de pessoas que têm organização, valores, visões, história e práticas comuns e continuadas.” (Ibid. p. 74). Segundo a autora, uma comunidade envolve pessoas que pretendem atingir um objetivo comum. No caso do coro, tal objetivo é “fazer música” juntos, com estabilidade no desenvolvimento e na atenção como as formas se relacionam umas com as outras. No caso do coro, tal objetivo é “fazer música” juntos, como explicitado por Rogoff (2005):

Ser uma comunidade exige comunicação estruturada, que se espera que dure por algum tempo, com um grau de comprometimento e significado compartilhados, embora muitas vezes contestado; ela desenvolve práticas e tradições culturais que transcendem os indivíduos específicos envolvidos. (ROGOFF, 2005, p. 74).

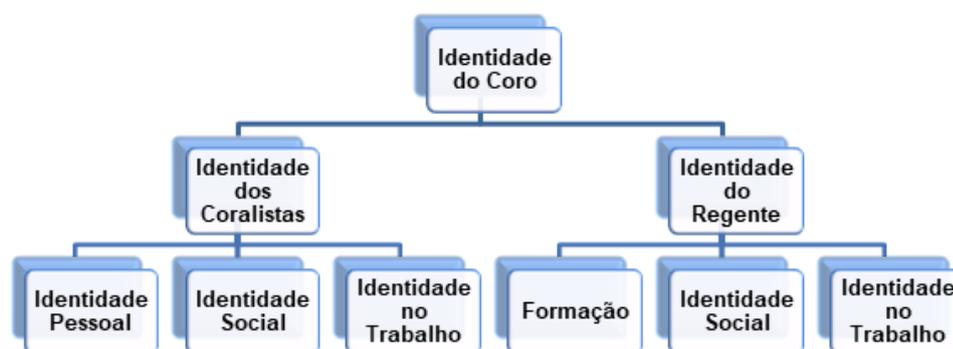
Cantar em grupo é a construção de uma comunidade. Os integrantes de um coro precisam ter comprometimento para a realização do trabalho, ainda que nem todas as músicas do repertório agradem a todos. Para que o coro aconteça, é necessário que o nível de comprometimento de cada integrante, incluindo o próprio regente do grupo, vá além do estilo musical individual. A identidade do coro sofrerá influências tanto na escolha do repertório



quanto no modelo de acompanhamento adotado pelo grupo, seja a cappella, com pianista corpetidor ou utilizando *play-back* por exemplo. A formação do regente também tem papel fundamental nessa construção.

Os participantes da comunidade têm diferentes papéis e responsabilidades, assim como a divisão de naipes que acontece dentro do coro, entre outros encargos que os integrantes recebem, como por exemplo: (a) entregar as pastas, (b) arrumar as cadeiras, (c) procurar espaço para que aconteçam as apresentações. Os coralistas podem dar-se apoio mútuo e conhecer aspectos da vida particular de cada um. Esse envolvimento ocorre entre os integrantes e pode desencadear conflitos. Numa comunidade, os indivíduos “[...] se envolvem em conflitos, disputas e intrigas, como parece ser inevitável quando as vidas das pessoas estão vinculadas” (ROGOFF, 2005, p. 75). São multifacetados, e trazem junto histórias e tradições de vida. São “pessoas que se articulam umas com as outras a partir de uma história compartilhada em muitas vezes, contestada”. (Ibid. p. 75).

Figura 1 – Construção da identidade do coro



FONTE: os autores (2023).

Segundo Rogoff (2005) há uma variação esperável em comunidades e seus participantes, as pessoas costumam estar inseridas em mais que uma comunidade, “e as formas culturais das diversas comunidades dinâmicas nas quais elas participam podem se sobrepor ou entrar em conflito umas com as outras” (Ibid. p. 75). Há o regente e cada coralista com suas identidades individuais. Juntos, estabelecem uma nova identidade daquele grupo. Pode-se perceber que o mesmo regente trabalha de formas diferentes frente a cada grupo, sustentando a afirmação de Rogoff. Segundo Dewey “os homens vivem em comunidades em

virtude do que têm em comum; e a comunidade é o modo pelo qual eles passam a ter coisas em comum”. (1916 apud ROGOFF, 2005, p. 74).

O estabelecimento de uma comunidade de prática musical híbrida

Etienne Wenger (1998), pesquisador, suíço, desenvolveu o conceito de ‘comunidade de prática’¹. Tem seu embasamento na natureza social da aprendizagem humana, inspirado na antropologia e teoria social (Lave; Bourdieu; Giddens; Foucault; Vygotsky).

Segundo Wenger (2007), comunidades de prática “são grupos que compartilham um interesse ou uma paixão por algo que fazem e aprendem como fazê-lo ainda melhor à medida que interagem regularmente.”² (ARAÚJO; TORRES, 2009 p. 2 tradução das autoras)[4]. Dessa forma durante a vida todos os indivíduos participam de alguma “comunidade de prática’. A teoria é baseada em quatro premissas:

- (1) que somos seres sociais e esse fato é um aspecto central da aprendizagem; (2) que o conhecimento é uma questão de competência com respeito a domínios valorizados - como cantar afinado [Wenger realmente usa este exemplo]; (3) que conhecer é uma questão de participação ativa em domínios valorizados; (4) que o propósito final da aprendizagem é ser capaz de se relacionar com o mundo de maneira significativa (completa, integral).³ (RUSSUELL, 2002, p. 4 tradução nossa) [5].

Para serem consideradas uma comunidade de prática, as pessoas precisam estar interessadas em uma prática comum, a partir dessa que ocorra ensino/aprendizagem coletivo e esforços humanos compartilhados. Wenger (1998) traz três elementos principais para caracterizar essa comunidade:

¹ O termo Comunidade de Prática foi utilizado a primeira vez por Wenger e Lave em (1991) na obra teoria social. Em 1998, 2000 e 2006 Wenger deu prosseguimento a sua teoria. Atualmente, percebemos o uso de Comunidade de Prática em diversas áreas e proporções.

² “Communities of practice are groups of people who share a concern or a passion for something they do and learn how to do it better as they interact regularly.” (WENGER, 2007, p. 2). Citação retirada do *site* oficial de Etienne Wenger. Disponível em: <<http://www.ewenger.com/theory/index.htm>> com conteúdo gerenciado pelo próprio autor. Acesso em: 08 out. 2017.

³ “(1) that we are social beings, and this fact is a central aspect of learning; (2) that knowledge is a matter of competence with respect to valued enterprises – such as singing in tune [Wenger actually uses this example]; (3) that knowing is a matter of active participation in valued enterprises; (4) that the ultimate purpose of learning is to be able to engage with the world in a meaningful way.” (RUSSUELL, 2002, p. 4).



(a) o domínio – o interesse comum de determinado grupo de pessoas por uma competência específica, os mantém unidos e se destacam na comunidade que estão inseridos por tal habilidade.

b) a comunidade

Em busca dos interesses no seu domínio, os membros engajam-se em atividades conjuntas e discussões, ajudam uns aos outros e compartilham informações. Assim, formam uma comunidade que interage e aprende em torno do seu domínio, construindo relacionamentos. (TORRES; ARAÚJO, 2009, p. 5-6).

c) a prática – não é simplesmente uma comunidade com interesses comuns, e sim os seus membros desenvolvem um repertório compartilhado de: experiências, ferramentas, histórias, valores, até mesmo formas de resolver problemas compartilhados.

Essa teoria foi expandida para práticas musicais por Russell (2002; 2006); North e Hargreaves (2008). Logo esse conceito foi estudado no Brasil por: Torres (2008); Araújo e Torres (2009); Costa e Figueredo (2010) e Guariente (2010, 2012). Encontramos este conceito expandido para comunidade de prática musical.

Joan Russell (2002), estudou o canto das pessoas das ilhas Fiji. Quando esteve lá, percebeu que os cidadãos cantam em mais um de uma voz com naturalidade, seja na escola, na igreja ou em outros locais. O canto estava enraizado na cultura local. Assim, buscou conhecer como esse ensino/aprendizagem ocorre e embasou-se na Comunidade de Prática. Em 2006, Russell ampliou o estudo da teoria com professores *inuit*⁴ no Canadá e com professores de Música em Cuba, ao passo que deu continuidade à pesquisa referente ao que observou nas ilhas Fiji. Esses contextos de ensino/aprendizagem tomados por base, “sugerem que significado, identidade e valores são criados em comunidades, juntamente com aqueles que compartilham (ou desejam compartilhar) valores e práticas comuns” (RUSSELL, 2006, p. 15). North e Hargreaves (2008) trazem o conceito como uma possibilidade para o entendimento dos processos de interação entre a música e os indivíduos.

Torres (2008, 2009), trouxe o conceito de comunidade de prática em sua dissertação falando sobre o grupo intitulado Canja de Viola, em Curitiba. Os encontros desses violeiros

⁴ “Inuit é o nome dado aos povos residentes no Ártico canadense” (RUSSELL, 2002, p. 9).



aconteciam há mais de 20 anos em um determinado local da cidade, simplesmente pelo prazer em fazer música. A autora buscou relacionar o conceito de Comunidade de Prática musical, buscando relações com esses encontros musicais abertos a profissionais da música, amadores e também aos aprendizes. A autora relata que em tais encontros, o processo de ensino/aprendizagem ocorre de forma espontânea. O grupo Canja de Viola gerou uma identidade numa “[...] comunidade cujos membros têm relações de identificação social e cultural uns com os outros, reveladas e cultivadas e na prática musical que ali ocorre” (TORRES; ARAÚJO, 2009, p. 3).

Costa e Figueiredo (2010) empregam o conceito de Comunidade de Prática para compreender os processos de ensino/aprendizagem no canto coral. Relatam que tal conceito pode ser utilizado para compressão desse grupo. Enquanto Guariente (2010, 2012) desenvolveu sua pesquisa em um coral do CEIC⁵, e afirma que o coro se constituía numa comunidade de prática e que o mesmo “cumpria sua dupla função de sensibilizar através da música, que vinha sendo praticada em relativa informalidade (por imitação), bem como dar vazão aos fundamentos da doutrina espírita e veiculados através da palavra cantada.” (GUARIENTE, 2012, p. 128).

Dessa forma o Canto Coral pôde ser estudado baseado em uma comunidade, a qual

[...] refere-se às formações sociais nas quais as nossas iniciativas são definidas como dignas de prossecução e nossa participação é reconhecível como competência. Identidade tem a ver com várias modalidades de aprendizagem que criam histórias pessoais para nós em nossas comunidades. ‘prática’ – caracterizada pelo engajamento mútuo, empreendimentos conjuntos e repertório compartilhado – é a fonte de coerência da comunidade. (RUSSELL, 2002, p. 2-3).

O levantamento das dissertações, teses e artigos na área de canto coral, além das perspectivas dos diferentes autores Rogoff (2005) e Wenger (1998), que discutem respectivamente sobre “Identidade e Comunidade” e “Comunidade de Prática”, permitem compreender que o canto coral pode ser estudo pela perspectiva sociocultural.

O termo “híbrida” entra no debate, inspirado na ideia de Ensino Híbrido (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015) que apresenta modelos de ensino nos quais a tecnologia

⁵ CEIC: Centro Espírita Ildelfonso Correa de Curitiba -PR.



permite o uso de elementos presenciais e remotos, atividades síncronas e assíncronas na educação. Como uma comunidade de prática musical também é um lugar de aprendizado, a pertinência do termo é evidente.

Um coro em construção

As atividades coro iniciaram em meados de 2020 atividades de canto coral online e síncronas, suprimindo a demanda interposta pelo isolamento físico do início da Pandemia de Covid-19. Em 2022 a proposta foi ampliada para um concerto natalino a partir dessas práticas remotas. Nesse formato, foram produzidas 7 músicas, que movimentaram 38 participantes, entre estudantes, comunidade, professores e servidores da IES, de diversas localidades do Brasil, e até do exterior, e demandaram a edição e mixagem de 190 arquivos de áudio e vídeo.

O sucesso do concerto de 2022 motivou IES, professores envolvidos e cantores participantes a dar continuidade com o coro e, em 2023, iniciaram as atividades do coro presencial juntamente como o coro remoto, gerando assim as demandas e desafios que são objeto dessa pesquisa.

As comunidades dentro da comunidade de prática coral

Tendo em vista o processo de formação do coro, com ensaios presenciais e remotos, tem se observado a constituição de dois grupos: dos cantores que participam presencialmente e dos que participam via remota. Ao passo que cada um desses dois grupos possui afinidades, de modo que podemos entendê-los como duas comunidades de práticas, entre eles também se verifica interesses comuns, de maneira que também temos observado a formação de uma grande comunidade de prática coral envolvendo a totalidade dos dois grupos.

Apesar dos aspectos em comum, que norteiam a formação de uma comunidade, a diversidade entre os participantes é evidente. No grupo há pessoas que nunca cantaram e outras com experiência em canto coral, há alunos do curso de música e estudantes da área de exatas, de saúde e de negócios, há colaboradores de setores administrativos da IES e pessoas da comunidade, enfim, gente diferente em diversos aspectos e que a música, através do canto coral, está unindo.



Diversos fatores trouxeram os cantores ao coro. Um deles é sua instituição como projeto de extensão, gerando certificado que pode ser validado como atividade complementar de cursos de graduação. Outro, é a possibilidade, para graduandos de música, de realizar um de seus estágios no coro. Há algumas situações de coralistas que possuíam inicialmente esse tipo de motivação, mas depois de cumprirem o requisito mínimo para obtenção de seus certificados, permaneceram no coro por sua própria vontade, demonstrando que há, de fato, uma comunidade se formando, com a criação de vínculos entre as pessoas e delas com a instituição coral. Esse cenário revela que as atividades do coro têm contribuído para alimentar aquilo que ROSSI (2020) considera como fator principal para uma pessoa integrar um coro: a vontade.

Para participar de um coro, [...], basta possuir afinação (exata percepção e imitação de som ouvido no que diz respeito à altura), senso rítmico (noção instintiva da duração dos tempos e silêncios) e, como fator principal, vontade. (ROSSI, 2020, p.136)

O primeiro semestre de 2023 foi um ciclo fundamental para gerar motivação e começar a estabelecer uma identidade dessa comunidade de prática musical. Isso pôde ser constatado por meio de formulário respondido digitalmente pelos integrantes. Ao perguntar sobre os pontos positivos da primeira apresentação do coro, obtivemos respostas como: “Muita energia e animação!”; “Foi desafiador estar na frente de uma plateia tão rápido, mas a sensação foi de dever cumprido.”; “Estávamos bem ensaiados, a apresentação foi confiante”; “Quando realizamos uma atividade que nos gera alegria, que nos gera um sorriso, isso com certeza nos motiva! E demonstra que todos podem cantar!”.

Além dessas declarações que demonstram a motivação dos integrantes, podemos destacar outras que nos dão pistas sobre o estabelecimento de uma comunidade de prática: “Todos animados na apresentação [nos] trouxe mais segurança e sintonia.”; “Coro enturmado e participativo, ampliamos nossas relações interpessoais, cantamos com alegria e nos divertimos!”

E como Wenger (2007) mostra que o ensino/aprendizagem é crucial para o estabelecimento de uma comunidade de prática, também perguntamos no formulário sobre as impressões dos coralistas em relação ao seu próprio desenvolvimento vocal durante o primeiro semestre de 2023. As respostas não deixam dúvidas quanto ao potencial das práticas



corais no ensino de música: “Foi muito bom para a minha percepção musical e treino de timbragem.”; “Mais segurança e maior alcance de notas.”; “Acho que meu desempenho ainda não é muito bom, mas estou aprendendo muito (MUITO) participando do coro.”; “Fui surpreendido pelo meu desempenho, ainda não sei julgar a qualidade, mas estou satisfeito”;

Todas essas constatações obtidas por meio do formulário respondido pelos coralistas validam as observações dos professores que conduzem a práticas como regente e assistente, e que observam no dia a dia a formação de fato de uma comunidade de prática musical em que o interesse pela música coral une pessoas de diversos lugares, de maneira presencial e remota, síncrona e assíncrona. As ferramentas que tornam isso possível serão discutidas a seguir.

O aporte tecnológico na solução dos problemas

Um coro virtual, em si, já demanda uma série de recursos de tecnologia para seu funcionamento, como o uso de *softwares* de edição de áudio para produção de guias de ensaio e gravação, o uso de editores de vídeo, de editores de partitura, entre outros. Mas a proposta de ter parte do coro presencial e parte remota é desafiadora. Como integrar os participantes de maneira remota aos ensaios? De que maneira os coralistas de regiões distantes podem participar das apresentações? É possível que os integrantes criem laços de fato?

Para solucionar essas questões, os professores a frente do coro lançaram mão de algumas ferramentas que já haviam sido testadas e validadas enquanto docentes do EAD. Outras foram testados pela primeira vez pela equipe do coro. O relato das práticas do coro traz o resultado desses experimentos.

Os ensaios são realizados no auditório da IES mantenedora da prática coral, e são transmitidos através do aplicativo de conferências *Zoom* para os cantores localizados em regiões distantes. No entanto, essa abordagem apresenta uma limitação inicial: a falta de sincronia entre os participantes presentes no local e os remotos. Embora seja possível treinar intervalos musicais entre os dois grupos durante os aquecimentos, usando notas longas, ou até mesmo solicitar a um cantor no *Zoom* para realizar um solo acompanhado pelo coro presencial, a integração musical entre ambos os grupos é bastante restrita.

Uma alternativa que está sendo testada para promover uma integração musical híbrida, combinando sincronia e assincronia, é a utilização do aplicativo de karaokê *Smule*. Nesse aplicativo, é possível abrir uma sessão de gravação em grupo. Inicialmente, um dos professores gravou a música "Amavolovolo", uma canção tradicional africana, e outros membros, de diferentes locais do Brasil, gravaram suas vozes e imagens. Os resultados dessas sessões foram aprimorados a cada nova tentativa. As melhores sessões foram utilizadas na edição final do vídeo, que foi utilizado como base para o coro presencial cantar em conjunto durante a última apresentação do semestre, criando, assim, uma performance híbrida: parte presencial e parte remota, síncrona e assíncrona.

Figura 2: Apresentação híbrida do Coro Margareth Picler



FONTE: os autores (2023).

Do ponto de vista da criação de vínculos tanto o *Zoom* quanto o *Smule* possuem ferramentas de interação que contribuem para essa finalidade. As relações se estabelecem pelo *chat* e se estendem por meio das redes sociais, nas quais os coralistas que atuam presencialmente podem se relacionar com seus colegas que participam de maneira remota, e assim, de fato, constituírem uma comunidade de prática musical híbrida.

Considerações Finais

A proposta desafiadora do coro, sobretudo a partir de 2023, tem gerado diferentes temas para discussões e pesquisa. Nesse trabalho fizemos o recorte da formação de uma comunidade de prática musical e como o aporte tecnológico contribui para isso. Mas outros

direcionamentos podem ser dados em novas pesquisa sobre o que já foi realizado e o que ainda há por vir.

De fato, as tecnologias utilizadas contribuem para o desenvolvimento do coro conforme sua proposta híbrida. Mas há diversos pontos que precisam ser ajustados nas ferramentas que já têm sido usadas e nas que poderemos ainda utilizar. Uma delas é a iniciativa *JackTrip* do Centro de Pesquisa em Música e Acústica da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, que oferece a possibilidade de sincronia de áudio em performances musicais à distância máxima de 800 km (SIQUEIRA, YANEZ, DIOGO, 2022).

O campo de pesquisa em práticas musicais e de ensino de música realizadas no âmbito das instituições de ensino superior não se oferece apenas aos docentes que regem esses projetos de extensão, mas principalmente aos estudantes que participam deles. Uma comunidade de prática musical que se estabelece a partir de um projeto de extensão universitária é, portanto, promotora de pesquisa e, também, de ensino, abrangendo, dessa maneira, as três bases do ensino superior.

Referências

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs.). Porto Alegre: Penso, 2015, p. 47-65

BORNHODLT, Jeimely Heep. Canto Coral com idosos: o que falam os regentes e as rotinas de ensaio. 149f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/64286/R%20-%20D%20-%20JEIMELY%20HEEP%20BORNHOLDT.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 9 nov. 2022.

COSTA, Lucila Prestes de Souza Pires da; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A aprendizagem musical na prática coral e o conceito de comunidade de prática. In: XIX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. *Anais*: Goiânia, p.33 – 30, 2010.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*: elementos para uma teoria. Tradução Bruno Magne, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber às práticas educativas*. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. A performance falada no ensino da regência coral; um estudo de caso. In: XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina. *Anais*: Campo Grande, 2007a.

_____. Canto coral, educação musical e performance na universidade: o caso do IA-UNESP. In: XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina. *Anais*: Campo Grande, 2007b

FUCCI AMATO, Rita de Cássia e AMATO NETO, João. Regência Coral: organização e administração do trabalho em corais. *Anais* - Congresso da ANPPOM. São Paulo, 2007c.

_____. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musica. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007d.

_____. Habilidades e competências na prática da regência coral: um estudo exploratório. *Revista da ABEM*. Porto Alegre, V.19, 15-26, mar. 2008.

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara. Regência coral infanto-juvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU. 574f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade de São Paulo, SP, 2015.



GOIS, Micheline Prais de Aguiar Marim. A dimensão lúdica na regência de coro infantil. 2015. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/39152>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

GUARIENTE, Liane Cristina. Comunidade de prática musical: um estudo sobre um grupo coral em Curitiba. 123f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/35748>>. Acesso em: 9 mai. 2017.

_____ Comunidade de prática musical: um estudo sobre um grupo coral em Curitiba. Revista o Mosaico: R. Pesq. Artes, Curitiba, n. 7 p. 118-131, jan./jun., 2012.

MATHIAS, Nelson. Coral, um canto apaixonante. Brasília: MusiMed, 1986.

ROSSI, Doriane. *Fundamentos de regência coral*. Curitiba: InterSaberes, 2020.

RUSSELL, Joan. Sites of learning: communities of musical practice in the Fiji Islands. Focus Areas Report. Bergen: ISME, 2002.

SIQUEIRA, Alysson; YANEZ, José Luis Manrique; DIOGO, Nataly Moletta Guimarães. Produção Musical Colaborativa à Distância. In: SIQUEIRA, Alysson; SANDY, Danielly Dias; PIMENTEL, Florinda Cerdeira (orgs.). Educação à Distância: práticas pedagógicas de música e artes visuais. 1. Ed. Curitiba: Editora Dialética e Realidade, 2022. Disponível em: http://fda1-4c02-aa8d-d6226f4481c2.filesusr.com/ugd/206e81_75523cc25d9c437487b746d558e6d167.pdf. Acesso em 29 ago. 2022.

TEIXEIRA, Lúcia. H. P. Coros de empresa como desafio para a formação e a atuação de regentes corais: dois estudos de caso. 189f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TORRES, Grace Filipak. Canja de Viola: uma comunidade de prática musical em Curitiba. 115 f. Dissertação (Mestrado em Música) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

TORRES, Grace Filipak; ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Comunidade de Prática Musical: um estudo à luz da teoria de Etienne Wenger. *Revista Científica .FAP*, Curitiba, v.4,n1 p. 1-23, jan./jun. 2009.

WENGER, Etienne. *Communities of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ROGOFF, Barbara. *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2005

